



# ÁGORA

Encontros *entre* a cidade e as artes:  
Explorando novas urbanidades

[PTDC/ATPGEO/3208/2014]



## Evidências da nova emigração portuguesa: O caso dos artistas, designers e arquitetos

L. Gabriel <sup>(a)</sup>, J. Malheiros <sup>(b)</sup>

<sup>(a)</sup> Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, leandrogabriel@campus.ul.pt

<sup>(b)</sup> Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, jmalheiros@campus.ul.pt

### RESUMO

Após 2010, o saldo migratório em Portugal voltou a atingir valores negativos, refletindo uma nova grande vaga de emigração portuguesa que, perante a crise e as correspondentes adversidades sentidas em Portugal, procurou uma solução alternativa para além das fronteiras nacionais. Entre os vários perfis profissionais e histórias de migração, destacam-se os trabalhadores da cultura qualificados, que a somar à precariedade do seu setor de atividade e à impossibilidade de construir uma carreira sólida em Portugal, decidiram emigrar e integrar outros mercados de trabalho. Esta comunicação – que procura contribuir para o conhecimento geográfico – tem como objetivo revelar a geografia, motivos e situação laboral desta nova emigração portuguesa, em particular o caso dos artistas, designers e arquitetos, tendo por base um inquérito por questionário feito entre 2014 e 2015 a emigrantes portugueses, no âmbito do projeto REMIGR. Entre outros resultados, este trabalho, para além de mostrar a grande diversidade de destinos e a melhoria das condições laborais no destino, testemunha o descrédito de um futuro em Portugal.

**Palavras chave:** Emigração portuguesa, Artistas, Designers, Arquitetos

### 1. INTRODUÇÃO

Se nas últimas duas décadas do século XX, a emigração portuguesa passou por uma quase invisibilidade nas abordagens aos fenómenos migratórios associados a Portugal (Malheiros, 2011), com o início do novo milénio várias são as fontes e os estudos produzidos, que comecem a dar um claro sinal do reforço do número de saídas de portugueses para destinos fora das fronteiras nacionais (Candeias *et al.* 2014). Todavia, a história mostra que a emigração portuguesa não é recente e nunca desapareceu (Peixoto, 2012). As estatísticas<sup>1</sup> mostram que desde os anos 1960 tem havido saídas significativas (entre emigração permanente e temporária), com o saldo migratório anual a atingir valores negativos entre os anos 1960-1973 e 1982-1992.

Motivados por um novo período de saldo migratório negativo (desde 2011) que recolocou a questão da emigração na agenda social e política, vários são os académicos que direcionaram a sua atenção para o fenómeno, desenvolvendo quer projetos de investigação mais amplos neste domínio como por exemplo o “*Regresso ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa*” (REMIGR) coordenado por João Peixoto, ou o “*Brain drain and academic mobility from Portugal to Europe*” (BRADRAMO) dirigido por Rui Gomes; quer estudos mais específicos como, por exemplo, os trabalhos de Ana Delicado (2010) ou Pedro Candeias (2016).

Entre os vários tipos particulares de migrantes, os artistas e outros profissionais criativos apresentam-se como um sinónimo de hiper-mobilidade, na medida em que usam a mobilidade estrategicamente – quer na migração económica, quer na cultural – chegando a

circular entre cidades, sem regressar a ‘casa’ por um longo período de tempo (Duester, 2013). A verdade é que para muitos destes profissionais – com características singulares, como referem Menger (2005) e outros autores – residir, trabalhar e circular por destinos exteriores ao seu local de origem é cada vez mais uma opção de vida e parte integrante da sua estratégia profissional, talvez justificada pela necessidade de sobrevivência num meio laboral onde as condições de trabalho são inseguras e constantemente violadas, colocando em situação de precariedade vários destes profissionais (Gill e Pratt, 2008). Embora existam alguns estudos, não portugueses, que ligam migrações e artistas (O’Hagan e Hellmanzik, 2008), a maioria dos trabalhos tende a considerar o conjunto mais vasto da ‘classe criativa’ propagada por Richard Florida (Borén e Young, 2013). Em Portugal, esta temática tem sido abordada na Sociologia pelos trabalhos de Clara Riso (2012), Cristina Farinha (2012) ou Sílvia Silva (2015).

Neste sentido, com o objetivo mais amplo de desvendar algumas das relações entre a atual emigração portuguesa e o específico mundo das artes visuais, listam-se algumas questões de investigação que orientam o desenvolvimento do estudo preliminar aqui reproduzido: Quem são estes migrantes? Qual a atual geografia da emigração de artistas e outros profissionais criativos? O que motiva a saída destes profissionais? Que condições laborais encontram no destino?

Com base na informação disponibilizada pelo projeto REMIGR, inicia-se esta exposição com o que se sabe atualmente sobre as dinâmicas da emigração contemporânea portuguesa no geral, seguindo-se a análise ao caso particular dos artistas, designers e arquitetos.

<sup>1</sup> Entre o Instituto Nacional de Estatística (INE) e Observatório da Emigração (OEm) - fontes distintas na forma como obtêm a informação

## 2. GEOGRAFIAS E PROCESSOS MIGRATÓRIOS DA EMIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA

Desde o início do século XXI, os fluxos da nova<sup>2</sup> emigração portuguesa têm mostrado significativas transformações, registando aumentos quer no volume de saídas, quer na diversidade dos países de destino. O OEm e o INE mostram que a emigração teve uma fase de crescimento até 2007, depois com a crise internacional desencadeada em 2008 ocorreu uma diminuição das saídas, sendo retomado após 2010 o percurso de subida ainda com mais intensidade, tendência justificada pela conjugação do agravamento da situação económica portuguesa e os efeitos das políticas de austeridade. Embora a partir de 2014 a emigração portuguesa tenha deixado de crescer (135 mil saídas nesse ano), os valores continuam próximos das 100 mil saídas anuais.

Segundo Peixoto *et al.* (2016), Espanha teve, entre 2003-2007, uma capacidade de atração da emigração portuguesa, associada às dinâmicas do sector da construção civil, diminuindo de forma brutal com a crise. Já no caso do Reino Unido, o crescimento do fluxo foi enorme a partir de 2010, tratando-se neste caso de uma emigração mais diversificada em termos dos setores de trabalho e das qualificações dos emigrantes. Países como a Suíça, França e Alemanha, enquanto destinos tradicionais da emigração portuguesa, registaram também um crescimento desde 2010, embora com flutuações distintas entre eles. Luxemburgo, Angola, Moçambique e Brasil completam a lista de países com maior número de entradas de emigrantes portugueses.

No âmbito do projeto REMIGR concluiu-se que a variedade e complexidade do volume da emigração portuguesa contemporânea merecem claramente uma análise das suas características nos diferentes países, assim como a consideração da multiplicidade dos movimentos, temporalidades diversas, trajetórias incertas e regressos frequentes. Esta mobilidade internacional de padrões complexos, inclui deslocações de longa duração (com residência superior a um ano) mas também de média e curta duração, revelando episódios de circulação e casos de reemigração. Nos destinos europeus (de grande heterogeneidade), a possibilidade de livre circulação supõe percursos mais flexíveis, feitos por emigrantes mais feminizados, mais jovens, menos escolarizados do que os que procuram destinos fora da Europa. A descrença e falta de oportunidades de carreira motivam esta emigração. Quanto aos destinos não europeus, estes são dominados por percursos pós-coloniais, cuja emigração, mais masculinizada, menos jovem e mais qualificada, é motivada pela procura de novas experiências, oportunidades profissionais e deslocações no âmbito empresarial.

## 3. EMIGRAÇÃO DE ARTISTAS, DESIGNERS E ARQUITETOS

Nos parágrafos seguintes iremos revelar alguns

dos dados quantitativos que resultaram de um processo de inquirição por questionário em formato de papel (aplicados por equipas de investigadores no Reino Unido, França, Luxemburgo, Brasil, Angola e Moçambique, entre 2014 e 2015) e na versão *online* com uma geografia mais abrangente, disseminado por 'bola de neve' e com apoio de várias organizações e entidades. O universo de estudo incluiu indivíduos maiores de 18 anos a residir em qualquer país estrangeiro, com nacionalidade ou naturalidade portuguesa, que tivessem saído de Portugal após o ano 2000. De um total próximo dos 6100 inquiridos válidos a emigrantes portugueses no âmbito do projeto REMIGR, 344 dizem respeito ao perfil do estudo aqui em análise, ou seja, artistas, designers e arquitetos. Os dados mostram que 57% são mulheres e 43% homens; maioritariamente nascidos nas décadas de 80 e 70 (72% e 21% respetivamente); solteiros/as (57.3%) ou casados/as ou em união de facto (41%); e 17.2% tem filhos. Desta amostra, 9.9% nasceu fora de Portugal (França, Brasil e Angola com maior percentagem) e 10.1% têm dupla nacionalidade (brasileira, angolana e britânica as mais frequentes).

Trata-se de um grupo de profissionais que em Portugal tinha um padrão de residência bastante disperso pelo território nacional, embora mais de 50% residisse nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto antes de emigrar. Relativamente ao destino da emigração, a figura 1 revela os países de atual residência<sup>3</sup>. Apesar dos destinos europeus predominarem (com o Reino Unido a reter quase ¼ da amostra total), Brasil, Angola e Moçambique destacam-se nesta cartografia bastante heterogénea e de longos trajetos migratórios, pela sua proximidade cultural a Portugal.

O inquérito mostra que perto de 45% destes migrantes, já tinha residido noutro país estrangeiro antes de se instalar no atual país de destino, dos quais 20% em mais de 1 país, indicando claramente um cenário de grande mobilidade com estratégias de reemigração.

Destes 344 emigrantes, 51.4% são licenciados, 47.1% têm mestrado e 1.5% doutoramento. Trata-se de um grupo de profissionais muito particular, sendo que 57.2% têm formação em Arquitetura – entre urbanista, paisagista, gestor de projeto ou construção e engenharia –, 10.5% em Artes – plásticas, multimédia, escultura, pintura ou audiovisual – e 32.3% em Design – gráfico, de comunicação, multimédia, do produto, equipamento, de moda, têxtil ou editorial. Dos indivíduos que realizaram períodos de estudo ou formação no estrangeiro (50% do total da amostra), mais de metade tende a reconhecer que essa experiência contribuiu, de certa forma, na sua decisão de residir fora de Portugal. Por um lado, no que diz respeito aos motivos que justificam a emigração, 46.5% destes profissionais apontam a vontade de realizar novas experiências internacionais, 41.9%, o facto de não terem oportunidades de construção de uma carreira profissional sólida em Portugal, e 36.1% não vislumbravam futuro no país. Por outro lado, relativamente ao destino da emigração, a escolha deveu-se fun-

<sup>2</sup> Ocorrida desde 2000.

<sup>3</sup> À data de resposta ao inquérito, ou seja, entre 2014 e 2015. Pode existir um possível enviesamento justificado pelos próprios estudos de caso do projeto REMIGR.



**Figura 1** – Países destino da emigração de artistas, designers e arquitetos. Fonte: *Inquérito aos portugueses no estrangeiro – projeto REMIGR.*

damentalmente à existência de ofertas ou oportunidades de trabalho (59.3%), às perspectivas económicas positivas (35.1%) e ao conhecimento da língua (29.4%).

As alterações relativas à situação laboral no destino, mostram uma diminuição dos valores de desemprego, do número de empresários e de trabalhadores por conta própria (*freelancer*) face à realidade ainda em Portugal, enquanto aumentam os valores da empregabilidade com contrato (de 29.4% para 66.4%). Relativamente à profissão no momento antes da emigração e já no país de destino, os dados mostram houve um aumento do número de ‘especialistas das profissões intelectuais e científicas’ (de 202 para 239), assim como um ligeiro aumento no número de profissionais de ‘quadros superiores’ (de 16 para 24). Naturalmente, em relação ao rendimento mensal bruto, houve uma migração dos salários de escalões mais baixos até 1000 euros (realidade de 74% destes indivíduos), para os escalões mais altos a partir de 1000 euros (78% dos indivíduos). Ainda assim, no que diz respeito à sua integração no mercado de trabalho, persistem algumas evidências da precariedade laboral que atinge particularmente os trabalhadores da cultura: 27.9% diz ter passado por períodos de desemprego, 19.2% refere o trabalho sem qualquer tipo de contrato, 15.7% tiveram em algum momento salários em atraso, e 27% diz mesmo ter feito várias horas extraordinárias sem qualquer remuneração. Outra evidência da precariedade é a impossibilidade de exercer qualquer trabalho na sua área de formação (sendo que há casos de duplo emprego em que um deles é a alternativa que suporta economicamente a atividade do domínio artístico ou criativo). Desta amostra, há casos de quem recorre à restauração como ajudante de cozinha ou de bar, ou opta por um trabalho como empregado/a de limpeza, assistente de vendas, assistente de enfermagem, guia turístico, rececionista ou ainda quem se

dedica à docência ou investigação. Ainda assim, de um modo geral, a emigração veio satisfazer<sup>4</sup> a adequação entre as qualificações e o mercado trabalho (mais 27%), o nível salarial (mais 46%), a estabilidade profissional (mais 37%) e a construção de uma perspectiva de carreira (mais 52%). No que diz respeito a práticas transnacionais específicas do mercado de trabalho (para além das de carácter social ou do domínio económico), importa destacar que apenas 25% afirma ter ligações ou desenvolver regularmente algum tipo de atividade profissional com Portugal, reforçando, por ventura, um certo descontentamento com o contexto português que motivou a emigração. Ainda sobre estas dinâmicas transnacionais, o facto de quase 10% destes profissionais não ter nascido em Portugal (colocando-se a hipótese de nunca ter residido no país) pode também ajudar a justificar este afastamento em relação ao seu Estado de nacionalidade.

Por último, relativamente ao seu capital social – fundamental para a integração e sobrevivência num mundo da arte conhecido pela sua densa rede de protagonistas (Bourdieu, 1993) –, o inquérito mostra que os familiares são sobretudo um grande apoio no financiamento dos custos da viagem; a rede de amigos portugueses é fundamental na partilha de informação sobre o país de destino e no apoio para encontrar ou obter alojamento à chegada; e o empregador crucial na procura e obtenção de trabalho.

#### 4. REFLEXÕES FINAIS

Não sendo objetivo desta comunicação, traçar um perfil pormenorizado da emigração destes trabalhadores da cultura, o que aqui se apresenta sumariza algumas pistas sobre a caracterização sociogeográfica, situação laboral e integração económica, num projeto de vida cuja opção por emigrar foi, aparentemente, a melhor

<sup>4</sup> Respostas dadas sobre a realidade em Portugal e já no atual país de emigração, segundo uma escala de Likert com valores de 1 (nada satisfeito/a) a 5 (muito satisfeito/a), a partir das quais se comparou o somatório das percentagens dos níveis 4 e 5.

solução. Percebemos com este estudo preliminar que esta se trata de uma migração qualificada – alguns com formação completada fora de Portugal –, já com alguma história migratória – episódios de reemigração –, maioritariamente para destinos europeus pela maior facilidade em regressar temporariamente a Portugal. Por outro lado, os fatores económicos relacionados com as oportunidades de trabalho e construção de carreira justificam a escolha do destino. Mesmo com algumas evidências da precariedade laboral deste setor, a satisfação em relação à sua inserção no mercado de trabalho releva uma melhor adequação entre as suas qualificações e as atividades económicas em que laboram, legitimando a opção por residir fora de Portugal. Não se comprova a hipótese da disposição que estes migrantes têm para a manutenção de práticas artísticas transnacionais, eventualmente em virtude das escassas (ainda que ¼ dos inquiridos a tenha) relações profissionais com Portugal.

## 5. AGRADECIMENTOS

Ao Professor João Peixoto e a Pedro Candeias pela cedência de dados relativos ao projeto REMIGR (PTDC/ATP-DEM/5152/2012). Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto «ÁGORA - Encontros entre a Cidade e as Artes: explorando novas urbanidades» (PTDC/ATP-GEO/3208/2014), do CEG-IGOT-ULisboa, financiado pela FCT. É uma investigação que se enquadra num projeto de doutoramento, também financiado pela FCT (PD/BD/113552/2015), do Programa Doutoral em Migrações, do IGOT-ULisboa.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- Borén, T. e Young, C. (2013). The migration dynamics of the “creative class”: Evidence from a study of artists in Stockholm, Sweden. *Annals of the Association of American Geographers*, 103(1), 195-210.
- Bourdieu, P. (1993). *The field of cultural production*. Cambridge, U.K.: Blackwell Publishing Ltd.
- Candeias, P. (2016). ‘Times they are a-changing’ for Portuguese emigration? *Arxius de Ciències Socials*, 35, 73-94.
- Candeias, P., Ferreira, B. e Peixoto, J. (2014). Emigração portuguesa: o que temos vindo a estudar e o que nos falta saber – uma análise bibliométrica entre 1980 e 2013. *População e Sociedade*, 22, 11-31.
- Delicado, A. (2010). ‘International mobility of researchers: policies, trends and impacts’. Em Belyaev, D. e Roca, Z. (eds.) *Portugal in the Era of the Knowledge Society*. Lisbon: Edições Universitárias Lusófonas, 155-188.
- Duester, E. (2013). Artists mobility and the Baltic cities: Revealing a transnational art world. *Networking Knowledge*, 6(4), 107-120.
- Gill, R. e Pratt, A. (2008). Precarity and Cultural Work in the Social Factory? *Immaterial Labour. Precariousness and Cultural Work. Theory, Culture & Society*, 25(7-8), 1-30.
- Malheiros, J (2011). Portugal 2010: o regresso do país de emigração? Notas e reflexões. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, 2(1), 133-142.
- Menger, P. M. (2005). *Retrato do artista enquanto trabalhador. Metamorfoses do capitalismo*. Tradução: Vera Borges. Lisboa: Roma Editora.
- O’Hagan, J. e Hellmanzik, C. (2008). Clustering and migration of important visual artists: Broad historical evidence. *Historical Methods: A Journal of Quantitative and Interdisciplinary History*, 41(3), 121-134.
- Peixoto, J. (2012). A emigração portuguesa hoje: o que sabemos e o que não sabemos. *Socius working paper*, 5.
- Peixoto J. et al. (2016). *Regresso ao futuro. A nova emigração e a sociedade portuguesa*. Lisboa: Gradiva.
- Silva, S. (2015). Profissionais das indústrias culturais e criativas: a mobilidade como dilema. Porto: Plataforma Barómetro Social da Universidade do Porto [http://www.barometro.com.pt/2015/12/28/2037].



# ÁGORA

Encontros entre a cidade e as artes: explorando novas urbanidades  
Encounters between the city and arts: exploring new urbanities

**Acesso livre ao livro de resumos completo:**

*Free access to full abstract book:*

<http://cgp2017.weebly.com/>

<https://agoraprojecto.wordpress.com>

[agora.ceg.ul@gmail.com](mailto:agora.ceg.ul@gmail.com)